

FICHA TÉCNICA

Título

Pelos Caminhos do Douro...
Pela Calçada de Alpajares

Coordenação

Nelson Rebanda

Design gráfico

SerSilito, Maia

Edição

Comissão Executiva das Comemorações dos 250 Anos
da Região Demarcada do Douro

Colaboradores

Afonso Menezes
Anabela Amado
António Almeida Monteiro
Emília Novo
Nelson Rebanda
João Paulo Castanho

Fotografias

Imediático, publicidade e artes gráficas, Lda.
Afonso Menezes
Anabela Amado
António Almeida Monteiro
Emília Novo
Nelson Rebanda
João Paulo Castanho
Carlos Carrapato
Floris
João Cosme
Arquivo PNAD - Espanha

Agradecimentos

Parque Natural do Douro Internacional
Instituto Geográfico do Exército

Impressão

SerSilito, Maia

Tiragem

1.000 exemplares

Depósito legal

0000

Ano de edição

Setembro 2006


Índice

Pelos Caminhos do Douro...


Pela Calçada de Alpajares

Pela Calçada de Alpajares...	
de Freixo de Espada à Cinta a Barca de Alva.	7
Caminhos: onde começam e onde acabam?	7
O caminho antigo de Freixo de Espada à Cinta a Barca de Alva e a calçada de Alpajares..	7
Percurso actual de Freixo de Espada à Cinta até Poiares e outras opções.	10
Outros roteiros, guias e percursos organizados, sobre a zona considerada.	13
Sobre o presente roteiro	16


Fauna

 Fauna da Ribeira do Mosteiro no contexto do Parque Natural do Douro Internacional.	19
Bibliografia	31


Flora

 Flora e Vegetação do Douro na envolvente do Maciço de Poiares	33
Bibliografia	41

Geologia

 Geologia da Zona de Alpajares-ribeira do Mosteiro	43
Geo-história e Enquadramento Estrutural	43
Bibliografia	50
Pontos de interesse geológico ao longo do percurso	51

História e Património Cultural

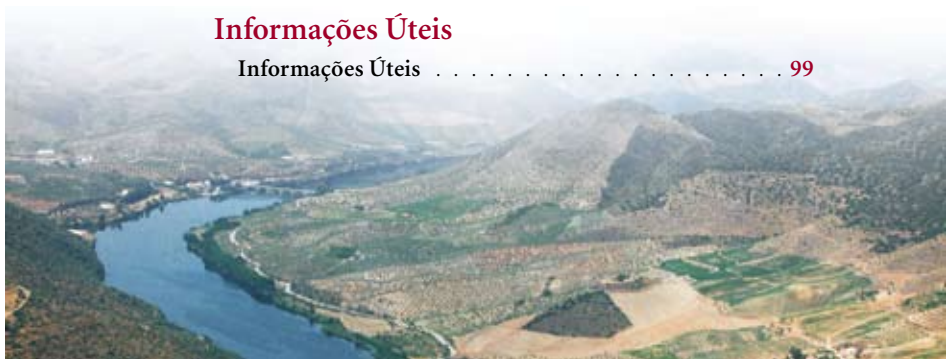
 O Elemento Humano no Espaço e no Tempo da Calçada de Alpajares	61
Pontos a observar	77
Bibliografia	79

Antologia

Breve antologia literária em redor e de Alpajares	83
---	----

Informações Úteis

Informações Úteis	99
-----------------------------	----





Fauna

Pelos Caminhos do Douro...

Fauna da Ribeira do Mosteiro no contexto do Parque Natural do Douro Internacional

António Almeida Monteiro

Biólogo, técnico superior do Parque Natural do Douro Internacional

Na porção meridional do Parque Natural do Douro Internacional, no coração da Terra Quente Transmontana, corre a ribeira do Mosteiro. Nas suas cabeceiras juntam-se várias pequenas linhas de água, afundadas numa sucessão irregular de cabeços e vales. Esses ribeiros escoam para sul através de encostas rapadas onde dominam os xistos, que dispostos em camadas sobressaem como costelas de uma desmazelada montanha. Mais a jusante o cenário torna-se mais escarpado e árido, à medida que o curso fluvial percorre tranquilamente os alcantis de uma enorme fenda transversal à crista quartzáica de Poiares, que é sem dúvida um dos mais profundos acidentes orográficos de Portugal Continental. Nesse percurso de meia légua até à sua foz no Rio Douro, as vertentes amontoam-se com enormes fragas retorcidas e quebradas pelo tempo, e nos cimos as ameias de piçarra que quase não deixam entrar o Sol, amuralham este vale encantado que poucos conhecem.

Essa paisagem, esse “belo horrível”, que se ama ou que se odeia, é o resultado directo de gigantescas convulsões geomorfológicas (sendo tratadas em capítulo próprio), mas também são visíveis os sinais do pastoreio e das lavouras que nestes últimos séculos o Homem foi deixando sobre a delgada epiderme destes relevos montanhosos.

A fauna desta zona, considerando o conjunto de organismos que aí vivem em estado silvestre, nomeadamente a sua composição, deriva dessa realidade paisagística muito própria. Tentarei aqui

Britango em voo

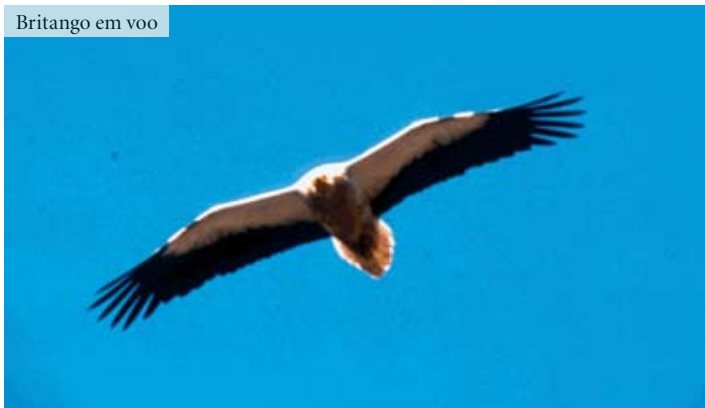


Foto Carlos Carrapato



Penedo Durão. Alimentador de abutres.

descrevê-la dando maior destaque às comunidades e às espécies que aproveitam as condições peculiares deste vale.

O aspecto mais vincado do ambiente ecológico da Ribeira do Mosteiro é sem dúvida a abundância de meios rupícolas e/ou rochosos, que dominam não apenas em porção de território abrangido mas também em termos de especificidades de habitat. Os biótopos florestais e pré-florestais, nomeadamente os matos, diversos em estrutura e composição, e o corredor ribeirinho incluindo bosque ripário e o meio sub-aquático, são outras unidades ecológicas que temos que considerar ao falarmos de uma fauna local. Interessa referir que, apesar de nos dias que correm ser escassa a presença das actividades humanas nesta zona, a história recente da ocupação humana e os últimos enclaves de intervenção antrópica, são ponderados permanentemente na interpretação da fauna.

Considerando unicamente a definição de fauna como o grande grupo dos vertebrados, a área supera as 140 espécies, com 29 espécies de mamíferos, 90 espécies de aves, 10 espécies de répteis, 8 espécies de anfíbios, 9 espécies de peixes.

Pelo exposto anteriormente, as condições ecológicas próprias da Ribeira do Mosteiro proporcionam que o grupo faunístico de maior representatividade seja o das espécies rupícolas, e de entre estas as aves, que ao dominarem os céus dominaram também os píncaros rochosos. Essa relevância manifesta-se pela elevada diversidade avi-faunística e pela ocorrência de várias espécies ameaçadas, que guar-



Foto António Monteiro

dam nesta área, uma grossa parcela das suas populações nidificantes a nível nacional e ibérico.

As aves rupícolas ou rupestres cuja ocorrência é uma constante ao longo do restante vale do Douro Internacional, no caso das de maior porte estas são facilmente detectáveis pois é comum avistar as suas silhuetas negras circulando ao sabor das correntes de ar quente, mas também pelas manchas brancas de urina que pintalgam o *fraguedo*, em redor de seus poisos e ninhos. Ao todo esse grupo inclui 18 espécies das quais as mais raras são: cegonha-preta, abutre do Egipto, grifo, águia-real, águia de Bonelli, falcão-peregrino, andorinhão-real, chasco-preto, bufo-real e gralha-de-bico-vermelho.

Apenas em meados deste século surgiram nesta região os primeiros trabalhos científicos sobre a fauna da região. No caso específico da ribeira do Mosteiro, já nessa altura o seu vale despertou o interesse de alguns dos mais importantes ornitólogos e naturalistas do nosso país, entre os quais Reis Júnior. Transcrevo o que em 1934, ele relatava sobre esta área “... numa das primeiras explorações que realizámos na Barca de Alva, em Maio de 1898, visitando os altos fraguedos que dominam, ao norte, a povoação da Barca, tivemos ocasião de observar pela primeira vez, o voo do abutre,” ou “... contudo, parece-nos que o lugar da sua predilecção, no país, é Barca de Alva com a sua temperatura tropical, os seus grandes rebanhos, que lhe fornecem alimento certo e farto, e as suas medonhas peneiras que lhe garantem refúgio tranquilo e seguro...”

Só mais tarde, na década de 80, se iniciaram prospecções e estudos mais aprofundados e surgiram as primeiras preocupações acerca da conservação das espécies rupícolas. Presentemente os trabalhos de estudo da avifauna rupícola desta região enquadram-se no projecto de monitorização e conservação do Douro Internacional. Em concreto os trabalhos têm-se centrado no seguimento de diversas populações avifaunísticas, com o objectivo é conhecer as tendências demográficas das populações e avaliar as ameaças que pairam sobre as mesmas.

Neste conjunto de trabalhos, duas das espécies mais visadas têm sido o grifo e o britango (também denominado por abutre do Egipto). São das aves mais conhecidas e que toda gente associa às arribas do Douro Internacional, devido à elevada envergadura que lhes permite planar durante horas a fio, mas também pelos hábitos alimentares necrófagos, isto é consomem cadáveres putrefactos. Essas características concederam-lhe uma boa reputação perante a população humana local que os respeita e acarinha, reconhecendo-lhe uma importância na limpeza sanitária dos campos. Ao vê-los



Foto Floris

Foto João Cosme



Pormenor da cabeça de Grifo



Britango

voar em círculos sobre a paisagem é habitual o povo dizer: “à volta, à volta, que já cheira a carne morta”.

Essa relação entre Homens e abutres, conduziu ao longo dos tempos a que nas freguesias ribeirinhas do Douro, onde existem grandes desníveis no relevo próprios das *Arribas*, como é o caso flagrante de Poiães e de Ligeiras se criasse o hábito de depositar os animais moribundos ou mor-

tos em locais escarpados, longe das propriedades agrícolas e da actividade humana, onde os abutres facilmente pudessem aceder. Nesses locais as pessoas sabem que não serão incomodadas com o cheiro e que as carnes infectas em decomposição rapidamente desaparecerão. Por outro lado, há mais de 20 ou 30 anos, o enterramento das carcaças dos grandes animais de tracção era tarefa árdua pois não existiam



Grifo

(Foto Floris)



Pormenor de cabeça de Águia Bonelli

Foto António Monteiro



Pormenor de cabeça de Águia-real

Foto António Monteiro

máquinas para o efeito. Por essas razões criou-se esse hábito e apesar das normas sanitárias actuais obrigarem ao enterramento das carcaças de animais domésticos, persiste a deposição de cadáveres no campo por parte das populações locais.

O mais famoso dos abutres, é o grifo, de nome científico *gyps fulvus* que é conhecido nesta zona como abutardo ou abitarado, trata-se de uma espécie colonial que escolhe as maiores escarpas para a nidificação. Os seus ninhos situam-se em patamares, fissuras e cavidades rochosas, muitas vezes situados a escassa distância uns dos outros. Cada casal tem apenas uma cria, as posturas ocorrem a partir dos primeiros gélidos dias de Janeiro saindo o juvenil do ninho nas tórridas tardes de Julho perfa-

zendo uma média de cerca de 150 dias no ninho. Após esse período os juvenis entram em dispersão, afastando-se muitos quilómetros dos locais de nascimento. O regresso pode acontecer uns meses ou anos mais tarde, podendo as aves voltar a nidificar nas mesmas zonas onde nasceram.

Quanto ao britango ou abutre do Egipto, *neophron percnopterus* de nome científico, que é uma espécie de menor dimensão que a anterior, nidifica por todo o Douro Internacional, encontrando-se entre nós entre Março e Setembro, período após o qual emigra para a África central. A sua silhueta característica com um nítido contraste branco e negro e as preferências alimentares fazem com que seja uma ave bem conhecida pelas gentes



Cegonha-preta

Foto - Arquivo PNAD - Espanha

das arribas, em particular os pastores. Em resultado disso o imaginário popular atribui-lhe uma larga diversidade de nomes que quase variam de aldeia para aldeia. Na zona mais a Sul do Douro Internacional, no concelho de Freixo de Espada à Cinta ele é conhecido por britango, britanglo, britaossos numa clara alusão à obtenção de alimento dos ossículos e restos de carne que sobejam do manjar dos grandes abutres. Algumas pessoas também o denominam por correio do cuco ou almocreve do cuco, ao ser uma ave migratória que chega à região nos primeiros dias de Março, o povo atribui-lhe a responsabilidade pelo transporte de haveres de outra ave migratória de chegada posterior, que é o cuco.

Dentro do grupo de aves rupícolas merecem igualmente destaque as grandes águias, casos da águia-real e da águia-de-Bonelli, que também são bem conhecidas pela população, nomeadamente por aqueles que calcorreiam, ou calcorream, os caminhos das ladeiras. Os melhores conhecedores das arribas, nomeadamente os pastores, denominam a Águia-real por ave caçadeira, pelos seus hábitos predadores ou por vergadinha, por inclinar, ou vergar, a extremidade das penas para cima. A águia-de-Bonelli, também é localmente denominada por águia caçadeira ou por pardinha devido à sua coloração acinzentada.

Ambas as espécies seleccionam as rochas, fragas ou escarpas para instalar ninho. Por serem predadoras, especializadas em caçar presas de maior tamanho que a generalidade das outras aves de rapina, adquiriram durante muito anos, uma imagem de destruidoras da caça e ganharam muitos inimigos junto dos caçadores, o que levou a uma intensa perseguição em décadas recentes. Essa



Foto Carlos Carrapato



Bufo-real

campanha de controlo deste e de outros predadores conduziu ao declínio das populações dessas águias que só foi atenuada, a partir dos anos 80, com a implementação de medidas de protecção em todo o território nacional.

Actualmente nesta região ainda se pode observar um casal de águia-real, e a sua situação é favorável, em resultado da diminuição das campanhas de envenenamento e controlo de predadores, mas principalmente devido ao facto da área oferecer boas condições ecológicas, com alimento suficiente e muitas *fragas*. Essa situação positiva contrasta com a da águia-de-Bonelli que actualmente é uma espécie rara nesta zona do PNDI. O decréscimo desta espécie tem-se feito sentir a nível ibérico estando relacionado com a elevada mortalidade de juvenis e imaturos nas áreas

de dispersão, causada por electrocução em postes de média-tensão e morte por disparo. A nível local, o maior problema de conservação dessa população parece assentar na escassez de alimento durante os períodos pré-nidificante e nidificante.

O grupo das aves rupícolas não fica por aqui, pois o visitante das arribas da ribeira do Mosteiro pode ainda observar outras espécies já muito raras no nosso país. É o caso da cegonha-preta, ave pernalta que nidifica em rochas escarpadas mas que ocorre nesta área exclusivamente para obter alimento (peixes, anfíbios e invertebrados). As margens arenosas, o bom estado ambiental das águas, a abundância de espécies aquáticas e a tranquilidade absoluta de muitos dos seus recantos, fazem com que esta linha de água seja um dos locais predilectos para a alimentação desta espécie dentro do Parque Natural do Douro Internacional.

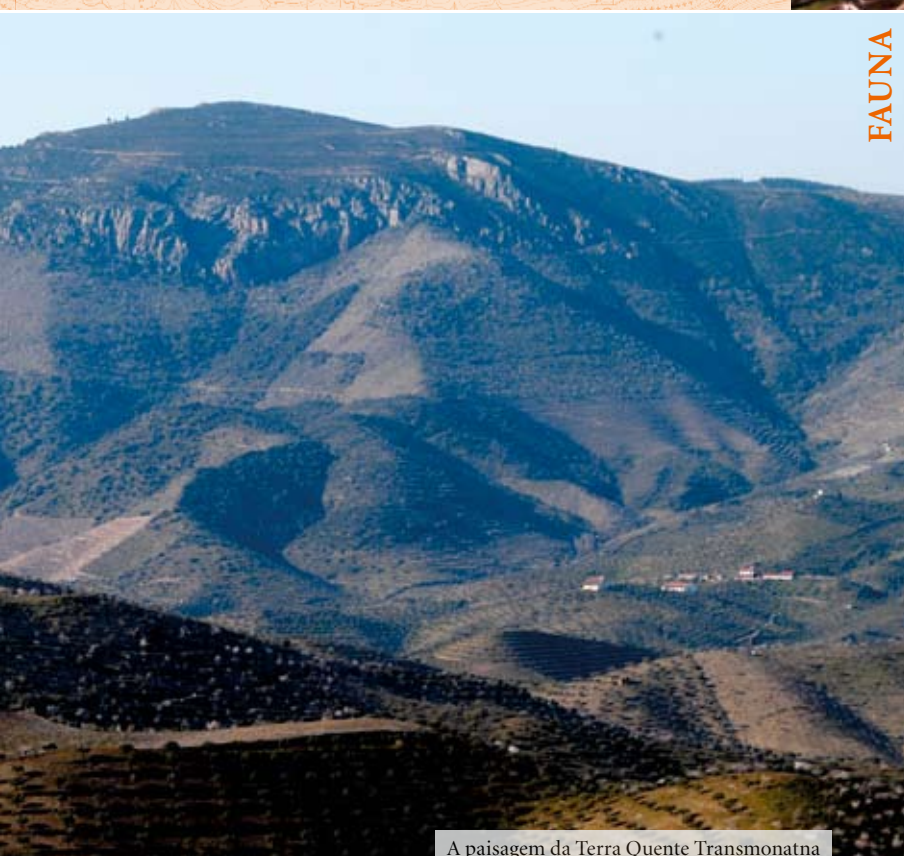
O bufo-real também ocupa um lugar importante no elenco dos habitantes das escarpas desta zona. A abundância de fragas proporciona espaço para 2 a 3 casais desta espécie, que pelos hábitos nocturnos são extremamente difíceis de detectar visualmente. Por outro lado o seu potente piar, ouvido a vários quilómetros, denuncia a sua presença durante certos períodos do ano, nomeadamente o fim do



Inverno (cio) e o pino do Verão. Trata-se de um super-predador pois para além das espécies “tradicionais” como o coelho e a lebre, também se alimenta de águias pequenas, falcões, raposas e outros carnívoros. Para as espécies silvestres é sem dúvida a ave mais temida.

O chasco-preto, pequeno passeriforme de plumagem inconfundível pelo contraste do dorso negro com parte da cauda branca, é talvez a espécie mais emblemática de todas as aves das rochas existentes na ribeira do Mosteiro. Possui nesta área um dos mais importantes núcleos de todo o nosso país, pois praticamente só existe no vale quente do Douro, no vale Vinhateiro daí que os produtores de Vinho do Porto ingleses o tenham baptizado de “Port-Wine Bird”. De facto escolhe as encostas mais áridas e pedregosas, e nidifica em fendas rochosas, construindo o ninho com pedrinhas como se de um murete se tratasse.

O falcão-peregrino, o andorinhão-real, e a gralha-de-bico-vermelho completam o lote das aves rupícolas de elevado estatuto ameaçado, existentes no Douro Internacional. São aves que dominam extraordinariamente a arte do voo, os dois primeiros pela velocidade, a gralha pela habilidade. No Penedo-Durão, sobre o colossal fraguedo existe um miradouro devidamente preparado para receber o



A paisagem da Terra Quente Transmontana

Foto António Monteiro



Corço

Foto António Monteiro

público que é um local ideal para ver essas espécies e deliciarmos com as suas acrobacias, para além de permitir a observação de quase todas as outras aves rupícolas já mencionadas.

Para além dos vales escarpados, a ribeira do Mosteiro Internacional abrange uma faixa planáltica, onde as pastagens naturais, as parcelas cerealíferas

ladeiam com manchas de bosque e matos de vegetação autóctone (azinhal, sobreiral, etc.), mas também com pinhais, constituindo um mosaico de habitats que conferem uma elevada biodiversidade a esta área. Aí, e em termos de aves de rapina merecem destaque o açor, a águia-calçada, a águia-cobreira, o corvo, que nidificam nas manchas de pinhal existentes nos cabeços e serros mais elevados. Em termos de pequenas aves, nomeadamente nos sectores desprovidos de vegetação e/ou com agricultura observa-se um relevante concentração de alaudídeos, ou seja as cotovias, laverças e calhandras, mas também



Fragas e amendoal



Lagarto ou Sardão

Foto João Cosme

as poupas, os cucos, os abelharucos, os picanços, piscos e chapins. Por outro lado a existência de muitos matos de giesta e esteva, com presença de arvoredo disperso, constituem um bom refúgio para outras espécies de aves como felosas, tou-tinegras e chapins, pegas azuis, rola e pombos torcazes.

O mosaico agro-florestal é igualmente rico em espécies de outros grupos faunísticos caso dos mamíferos e répteis. No caso dos mamíferos podem destacar-se os carnívoros, casos do gato-bravo, da gineta, da fuinha, do toirão e obviamente da raposa, com actividade sobretudo nocturna. O lobo poderá ocorrer ocasionalmente. Merecem ainda referência os grande mamíferos como o corço e javali, que se refugiam nas últimas encostas de matagal espesso, e que no caso do javali são alvo de montarias organizadas pelos caçadores locais. Os morcegos ou quirópteros são outro grupo importante de mamíferos, estando registada



a presença do morcego-de-peluche, o morcego-de-ferradura-grande, o morcego-de-ferradura-pequeno, e o morcego-rato-grande nesta zona do Parque Natural do Douro Internacional.

Quanto a répteis, pelo facto da ribeira do Mosteiro constituir um enclave microclimático de características mediterrânicas, a área detém algum interesse para a herpetofauna de preferências termófilas. Incluem-se, pela sua abundância na área, diversos colubrídeos (cobras) como a cobra-rateira, a cobra-de-escada e a cobra-de-ferradura. Também os lacertídeos estão bem representados principalmente o lagarto-comum ou sardão, a lagartixa-do-mato e a lagartixa de dedos denteados. Dentro desses dois grupos de serpentes e lagartos destacam-se, a cobra-rateira e o sardão, que constituem importante presas na dieta de diversas aves de rapina, entre as quais a águia-real. Por serem muito comuns em zonas de matos, terrenos agrícolas, áreas pedregosas, e por possuírem uma biomassa considerável, ambas essas espécies são peças fundamentais na teia trófica desta região.

Este relato sobre a fauna do ecossistema da ribeira do Mosteiro não fica completo sem a descrição das espécies associadas ao ambiente aquático dessa linha de água. Começando pela fauna ictio-

lógica, ou seja os peixes, existem actualmente na Ribeira (considerando a porção do Douro na sua confluência), 8 espécies. Trata-se do grupo faunístico que mais alterações sofreu na sua composição em virtude das intervenções humanas nesta bacia hidrográfica, em particular nos últimos 5 décadas. De facto antes da década de 60 ocorriam nesse troço do Douro diversos peixes migratórios como o esturjão ou peixe-solho, os sáveis, a lampreia, a enguia e quiçá o salmão. Segundo relatos de velhos pescadores profissionais, essas espécies eram regularmente pescadas, nomeadamente em Barca de Alva, onde eram famosas algumas receitas ou “peixadas”. Com a construção das cinco barragens no troço nacional do rio Douro, casos da Pocinho, Valeira, Régua, Carrapatelo e Crestuma- Lever, a passagem dessas espécies ficou selada e todas elas desapareceram, com excepção da enguia. Esta última continua a ser pescada ocasionalmente, o que se deve, provavelmente, à existência de eclusas de navegação nas barragens do Douro Nacional. No sentido de aproveitar os enormes reservatórios de águas criados pelas barragens foram introduzidas, pelos pescadores desportivos, diversas espécies como a carpa, o pimpão, o lúcio, a perca-sol, a truta-arco-íris, o achegã. Nem todas essas medidas foram as mais acertadas na correcta gestão dos recursos piscícolas do Douro, pois sabe-se que algumas dessas espécies constituem uma grande ameaça para as espécies autóctones. Apesar de tudo, presentemente na ribeira do Mosteiro ainda são relativamente comuns as espécies autóctones como o barbo-comum, a boga-de-boca-direita, o escalo, e a sarda, sendo de salientar que o troço final da ribeira está interdita à pesca por ser um importantíssimo local de desova para essas espécies.

Nos sectores aquáticos assinalam-se 2 espécies comuns de répteis que são a cobra-de-água-viperina, de cor verde escura, em geral não ultrapassa o 1 m de comprimento e que é completamente inofensiva para o Homem e o cágado, de cor castanha, possuindo um cheiro desagradável, o que em tempos antigos não impedia o aproveitamento da sua carne por parte de alguns sectores da população local. Quanto a anfíbios, ocorrem nesses locais espécies como a salamandra-de-costas-salientes, a salamandra-de-pintas-amarelas, o tritão-de-ventre-laranja, o tritão-marmorado, o sapo-comum, o sapo-corredor e a rela.

Em termos de aves, a cortina de árvores que acompanha a ribeira, dominada por frondosos amieiros e salgueiros, mas também com presença de freixos e choupos, serve de refúgio para numerosas aves, entre os quais o papa-figos, a pega-azul, o rouxinol-comum, o rouxinol-domato, as felosas, os chapins. Nas suas águas ainda pesca o guarda-rios



e o melro-de-água e as alvéolas (alvéola-cinzenta e alvéola-branca) são visíveis saltitando pelas margens de calhaus rolados.

Para todos os mamíferos (e não apenas para os mamíferos aquáticos entre os quais se destaca a lontra) esta linha de água é extremamente importante, uma vez que no período estival a água é rara na vasta bacia hidrográfica da Ribeira do Mosteiro, concentrando-se apenas em escassos pegos remanescentes. Nesse período todas as espécies de mamíferos silvestres da zona vêm saciar a sua sede a esta ribeira, sendo para a fauna um verdadeiro oásis de vida.

O elevado valor do património faunístico que ao longo destas páginas procurei ilustrar, vem sendo reconhecido desde há décadas, e terá sido um dos aspectos mais decisivos na inclusão desta área no Parque Natural do Douro Internacional. As arribas da ribeira do Mosteiro conservam de forma genuína a identidade do que foi o antigo ecossistema duriense neste troço da sua bacia hidrográfica. A sua salvaguarda não dependerá apenas de um cumprimento cego da legislação, mas a atenção dos gestores do Parque deve incidir na conservação activa das comunidades faunísticas e seus habitats, que garantam que este extraordinário legado seja mais uma vez entregue às futuras gerações.

Bibliografia

- Cosme, João, A. Monteiro - *Ambientes. Figueira de Castelo Rodrigo, a magia e o encanto da natureza no concelho*. Câmara Municipal de Figueira de Castelo Rodrigo, 2005.
- Monteiro, António Almeida - “Fauna do Douro internacional”, in *Entre Duas Margens, Douro Internacional*, João Azevedo Editor, Mirandela, 1998.
- Rufino, R. - *Atlas das aves que nidificam em Portugal*. CEMPA, SNPRCN, Lisboa, 1989.